

MENSAGENS ENIGMÁTICAS E A CONSTITUIÇÃO DO SUJEITO: REFLEXÕES PSICANALÍTICAS SOBRE “FRANKENSTEIN, O PROMETEU MODERNO”

Victor Catão Correa (PIC/UEM), Marcos Leandro Klipan (Orientador), e-mail: ra104177@uem.br

Universidade Estadual de Maringá / Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCH)/Maringá, PR.

PSICOLOGIA / DESENVOLVIMENTO SOCIAL E DA PERSONALIDADE

Palavras-chave: psicanálise, mensagens enigmáticas, literatura.

Resumo:

Este artigo tem por objetivo a análise psicanalítica do livro *Frankenstein, o Prometeu moderno*, focalizando nas relações entre o Monstro e seus dois criadores, Dr. Victor Frankenstein e Mary Shelley, e os fenômenos psíquicos resultantes desses encontros. O embasamento teórico psicanalítico sucedeu das obras produzidas por Sigmund Freud, sobre a teoria do trauma, e de Jean Laplanche, no que diz respeito à *teoria da sedução generalizada* e mais especificamente sobre as *mensagens enigmáticas e intrometidas*. Dessa análise compreendemos que o monstro, mesmo sendo criado em laboratório, possui similaridades com nascimento e desenvolvimento típico de infantes. Concluímos do caso que (a) em sua situação prematura e sem tradutores, o monstro se tornou traumatizado; e (b) justamente pelo trauma, o excesso pulsional sem vias de simbolização o induz a atos de violência. Da autora, pensamos que ela se colocou em situação oposta ao monstro utilizando a dor da perda para escrever (simbolizar) um clássico, enquanto o monstro descarrega o excesso por meio da ação (agressividade e vingança).

Introdução

O presente trabalho busca interpretar, por meio da teoria da sedução generalizada (LAPLANCHE, 1992), os destinos dados às mensagens enigmáticas no monstro de *Frankenstein, o Prometeu moderno* (1818) de Mary Shelley.

O texto pioneiro conta a história de um médico que, com o resultado de grande empenho, consegue superar a barreira da morte ao criar por meio de partes humanas mortas um ser com vida. A criatura denominada de *monstro* é abandonada logo após a criação e a história se desenvolve em uma busca incansável deste pelo seu criador, na esperança de encontrar respostas para sua criação e abandono. Durante a trajetória o monstro encara uma realidade calamitosa e se revolta em uma violenta vingança gerando diversas perdas ao seu criador, como a morte de seu irmão, pai e esposa. Essas perdas aparecem na história como punição por sua criação imoral.

No que tange a produção artística inerente ao humano em toda sua história, podemos dizer que essa possui o potencial de elaboração de conflitos e angústias contextuais. Dessa forma, a escrita permite o entendimento das dinâmicas psíquicas predominantes em uma época, ao dar lugar de fala aos sofrimentos contemporâneos à vida dos sujeitos. Diante disso, podemos entender a criação da obra "*Frankenstein, o prometeu moderno*" como fruto da angústia frente à modernidade e os avanços da ciência daquele período, que deixava incerto os destinos, conquistas e monstros que a humanidade encontraria no futuro.

Além disso, no caso do livro *Frankenstein*, sendo notoriamente a vida de sua autora marcada pela dor e angústia advinda da morte, entendemos que ao escrever *Frankenstein*, Mary Shelley terminou por simbolizar as diversas dores sentidas naquele momento de luto. A autora é rodeada pela morte desde seu nascimento. Sua mãe, irmã, companheiro e três dos quatro filhos falecem no decorrer de sua vida.

No presente artigo o método de análise utilizado foi o psicanalítico, cujo objeto de pesquisa é sempre referente às manifestações do inconsciente. Essas manifestações são interpretadas para que se possa compreender os desejos e defesas existentes na dinâmica estudada. Como destaca Ceccarelli (2010, p. 141) "O que interessa à psicanálise é a dinâmica psíquica que subjaz ao fenômeno observado".

A análise literária, ao confrontar as fantasias humanas envolvidas na escrita de certo período, coloca o sofrimento psíquico em um âmbito contextualizado em relação ao cultural e seus anseios, possibilitando uma melhor compreensão dos indivíduos de sua época. Composto não somente por sua história individual, mas também pela sociedade em que vive e a cultura que integra. Sendo assim, uma vez que nos propomos a entender estruturas e correlações culturais que podem vir a ser guia para trabalhos clínicos, seguiremos o método psicanalítico em uma configuração extramuros (LAPLANCHE, 1992) ou psique-sociedade (MEZAN, 2001). A utilização desse método se justifica, ao passo que, embora sejam fenômenos sociais, esses têm seus reflexos no âmbito psicológico individual.

Tendo em vista ainda a metodologia do trabalho em questão, utilizaremos a teoria da sedução generalizada (TSG) de Jean Laplanche. Além disso, apresentaremos o conceito de mensagens enigmáticas, pois o conhecimento dos estudos elaborados pelo autor se fará necessário para a compreensão das considerações que traremos na análise da obra.

A sedução generalizada diz respeito ao campo da comunicação, uma vez que se dá por meio de mensagens. O fato de que tanto o adulto como o bebê propagam e recebem informações é claro; o infante chora quando sente fome, olha para mãe quando é amamentado e até mesmo sorri depois de poucos meses de vida. Sendo assim, não é justo afirmar que o bebê é totalmente passivo, trata-se por outro lado de um ser profundamente desadaptado, prematuro. Nas palavras de Laplanche (1992, p. 103) "Continua-se, com razão, a empregar o termo 'prematuração', que poderíamos definir assim: confronto com tarefas de nível demasiado alto relativamente ao grau de maturação psicofisiológica".

Pelo fato da criança ainda não possuir ferramentas de simbolização das mensagens que chegam até ela, a sedução exercida pelos pais não é somente traumática, mas

também, estruturante. Traumático porque a criança é colocada diante de um excesso que não é possível lidar por si só, porém estruturante por necessitar de um agente externo para organização de sua sexualidade. Desse modo, na relação com a criança pelas vias da sedução, o adulto é entendido como “adulto-outro-enigmático” garantindo a alteridade necessária do inconsciente (FAVERO, 2004). Entendendo a proposta de Jean Laplanche de uma sedução generalizada, onde tem-se a necessidade de tradutores para essas mensagens que são enigmáticas para os infantes, já que carregam consigo significados inconscientes, pensamos no clássico “*Frankenstein, o prometeu moderno*”, onde o monstro de Frankenstein, é criado a partir de fragmentos de diversos indivíduos mortos, nascido, já adulto e abandonado com a mentalidade de um recém-nascido. Diante desse cenário, nos questionamos como essa junção de corpos, desamparo e repúdio de todos a sua volta pode influenciar no seu desenvolvimento psíquico do monstro. Ou seja, quais mensagens enigmáticas chegaram ao monstro e como elas foram traduzidas. Partindo disso, elencamos quatro cenas do clássico que remetem a pontos importantes: nascimento e abandono do que viria a se tornar o monstro de Frankenstein; contato “íntimo” com humanos, onde a dissimetria e confronto decorre no desenvolvimento; trauma em dois tempos vivenciado pelo monstro diante dos abandonos e a partir de então a história se desenrola em uma busca por respostas e em cenas de violência contra o seu criador; e o desejo do monstro em saber o por que foi criado e abandonado, assim como as consequências diante da ausência de respostas à pergunta “o que querem de mim?”.

Materiais e Métodos

Esta pesquisa utilizou o método psicanalítico para se instrumentalizar, conceitualizar e analisar os personagens de Frankenstein (1818). Como qualidade intrínseca desse tipo de pesquisa conceitual psicanalítica, o elemento principal se caracteriza pela observação indireta de manifestações inconscientes (CECCARELLI, 2010). Como aponta Mezan (2001), ao contrário das ciências exatas, onde um denso conteúdo pode ser transmitido com uma única fórmula, as ciências humanas (e aqui incluindo as pesquisas em psicanálise) devem construir a problemática da qual irá trabalhar, escrevendo por meio de materiais diversificados e em quantidade necessária para realizar adequadamente a análise. Portanto, para perfazer essa construção, usaremos dois meios para a obtenção de informações: livros físicos e/ou digitais, e bancos de dados, como SciELO, PePSIC, Google Acadêmico, etc. Essas fontes fornecerão conteúdo para os conceitos psicanalíticos, a história de ficção e o material requeridos de outras áreas.

Resultados e Discussão

Ao analisarmos quatro cenas chaves do livro, compreendemos que as várias mensagens enigmáticas lançadas ao monstro em estado de prematuração e ainda sem tradutores - indivíduos em um nível superior de integração psíquica que por essa razão possibilitam a atribuição de sentidos e significados à existência do infante - fizeram com que o monstro se tornasse uma criatura em profunda vivência

traumática de desamparo. Por sua vez, esse excesso ao não encontrar vias para simbolização, resulta em atos de vingança. Podemos dizer, portanto, que esta agressividade advém da descarga bruta do excesso que é acumulado pela experiência de abandono, por meio da ação violenta contra os entes queridos de seu criador e por fim, contra si mesmo.

Conclusões

A partir do material analisado, chegamos a dois eixos de conclusão: um referente à autora (Mary Shelley) e o outro ao seu personagem, o Monstro. Quanto a este, compreendemos que, devido à situação de prematuração, ele se traumatiza pelas circunstâncias de seu nascimento e, pelo excesso pulsional dessa situação, demonstra atos de violência. Sobre a autora, entendemos que Shelley se utilizou (conscientemente ou não) de suas experiências negativas de vida para, por meio da escrita, simbolizar essas e se colocar em posição oposta ao monstro, que lida com o excesso pulsional por meio da agressividade.

Agradecimentos

Agradeço ao professor Marcos Klipan pela paciência inesgotável com um projeto tão prolongado e elaborado. Suas orientações foram fundamentais para direcionar e focar no caminho a ser percorrido. Agradeço também à Fernanda que, mesmo fazendo parte do projeto, não pode apresentar devido a sua colação de grau já ter ocorrido. Ela foi bem mais que uma colega; é uma grande amiga.

Referências

CECCARELLI, P. R. Considerações sobre pesquisa em psicanálise. In: MELO, P. E; DEUSDEDIT JÚNIOR, M (org.). **Psicologia: diálogos contemporâneos**. Curitiba: Editora CRV, 2012. p. 137-146.

LAPLANCHE, J. **Novos fundamentos para a psicanálise**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

MEZAN, R. Psicanálise e pós-graduação: notas, exemplos e reflexões. In: MEZAN, R. **Interfaces da psicanálise**. São Paulo: Companhia das letras, 2002, p. 395-435.

SHELLEY, M. **Frankenstein ou O prometeu moderno**: edição comentada. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

TARELHO, L. C. A teoria da sedução generalizada de Jean Laplanche e o descentramento do ser humano. **Jornal de Psicanálise**, n. 45, 97-108, 2012.